



ST2 – TERRITÓRIO, GOVERNANÇA E INTEGRAÇÃO REGIONAL

ENCADEAMENTO RURAL-URBANO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-PRÁTICA DA CADEIA PRODUTIVA DE BORRACHA NO VALE DO ACRE

RURAL-URBAN CHAINING: A VALLEY OF ACRE'S RUBBER PRODUCTIVE CHAIN THEORETICAL-PRACTICAL ANALYSIS

César Leandro de Christo HUNDERTMARCK¹, Rogério Leandro Lima da SILVEIRA²

Resumo: Este artigo busca, através de uma metodologia teórico-prática, analisar a cadeia produtiva de borracha do Vale do Acre, mesorregião do Estado brasileiro do Acre. Realizou-se através de u-ma pesquisa prática em dezembro de 2019, da qual, a partir de entrevistas/revisões documentais, buscou compreender quais as estruturas da cadeia produtiva, seus agentes, principais dificulda-des e os impactos gerados, nas comunidades rurais e urbanas, de atividades realizadas através do encadeamento. **Metodologia:** teórica (de revisão bibliográfico-analítica e documental) e prá-tica através de questionário e entrevista em cinco agentes mercantis. **Resultados:** ao nível do-cumental teórico, foram encontrados 36 artigos, dos quais 18 auxiliaram nesta produção. Já no nível prático, reconheceu-se que o Vale do Acre possui uma estrutura de encadeamento vertical baseada em quatro componentes centrais (produtores, agentes, indústrias e consumidor final). Notou-se também que existe diferenças estruturais, ideológicas e sociais entre os entes rurais e urbanos desta estrutura. **Conclusão:** há a existência de um eixo estruturado de produção que, infelizmente, devido às diferenças territoriais e de distância, sofre com problemas logísticos de infraestrutura.

Palavras-chave: Encadeamento. Cadeia Produtiva. Integração Regional.

Abstract: This article seeks, through a theoretical-practical methodology to analyze the rubber production chain of Vale do Acre, mesoregion of its Brazilian state. It was carried out through a practical survey in December 2019, from which, based on interviews and documentary reviews, it sought to understand the structures of the production chain, its agents, main difficulties and the impacts generated, in rural and urban people of activities carried out through chaining. **Methodology:** theoretical analysis and practical through a questionnaire and interview with five market agents. **Results:** at the theoretical documental level, 36 articles found, of which 18 helped in this production. At the practical level, it was recognized that the Vale do Acre has a vertical chain structure based on four central components (producers, agents, industries and final consumer). It was also noted that there are structural, ideological and social differences between rural and urban entities in this structure. **Conclusion:** there is a structured production that,

¹Doutorando em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR UNISC E-mail: adm.cesarlch@gmail.com

²Doutor em Geografia Humana, Professor e Pesquisador da Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil. E-mail: rlls@unisc.br



unfortunately, due to territorial and distance differences, suffers from infrastructure logistical problems.

Keywords: Chaining. Productive chain. Regional Integration.

INTRODUÇÃO

Às vistas de BELIK (1995, p.8), todo desenvolvimento territorial econômico-social depende, única e exclusivamente, das atividades de encadeamento ou da cadeia de valores atribuídos aos seus setores de competência; isto é, a relação, o tratamento e as sistemáticas das cadeias de produção aportam, dentro da sociedade, o seu ritmo de desenvolvimento, a sua quantidade populacional, os seus índices geográficos e, principalmente, seu potencial econômico de longo prazo, a sua sustentabilidade e os seus relacionamentos via demais territórios. Neste horizonte, “conhecer as diversas cadeias de transporte, produção, transferência e manipulação de insumos e propriedades mostra-se como uma das melhores alternativas para aumentar o desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade” (FURLANETTO, 2012, p.40).

Na mesma linha de pensamento, apresenta-se o objetivo-problema deste documento: o Vale do Acre. Sob tal perspectiva de entendimento e importância de Belik (1995) e Furlanetto (2012), sabe-se que, hoje, o Estado – que corresponde a quase 3% da totalidade territorial do Brasil – não possui um sistema definido de estrutura agrícola que é “capaz de atender sua população, nem polos industriais nas áreas de alimentos, equipamentos, têxtil, calçadista, eletroeletrônicos, dentre outros” (LEITE, 2015, p.10). Deste modo, reconhecer suas cadeias produtivas de maior valor (encadeamento) e avaliar as relações de transporte e consumo da região mostra-se como componente valioso para expansão futura do território, tendo em vista que muitas problemáticas podem ser encontradas e, inclusive, contrapostas em solução em estudos aprimorados (LEITE, 2015).

Assim sendo, este artigo visa, sobretudo, analisar todo o encadeamento rural-urbano entre Rio Branco (AC) e as urbes acreanas, que dispõem de agentes mercantis integrantes de sua cadeia produtiva, especialmente a da borracha – principal insumo aportado no Vale do Acre. Busca-se, desta forma, avaliar e quantificar de que modo as cidades envolvidas com tal encadeamento, em meio à maior floresta tropical do mundo, delimitada ao espaço do Vale do Acre, participam-se e interagem-se na reprodução, transformação, transporte e comercialização do componente. Esta pesquisa se faz, por consequência, tanto ao nível quantitativo quanto ao nível qualitativo; e resulta-se em responder o seguinte questionamento: “quais as atividades do encadeamento (externo e interno) das comunidades urbanas e rurais do Vale do Acre, e qual a relação que este possui com o desenvolvimento e troca de influência entre estes municípios?”.

Metodologicamente, a pesquisa teórica (de fundamentação doutrinária) utilizou-se através de revisão bibliográfica e revisão documental – expositivo-analítica –, das quais 36 artigos foram encontrados em instituições eletrônicas como Periódicos, BVS e Scielo e pesquisa em



bibliote-cas e/ou instituições *in loco*. Destas, para análise dos resultados, 24 referências foram utilizadas na disposição. Já quanto às especificidades da pesquisa prática realizada, a seção “Estudo de Caso” remonta tal perspectiva. Abaixo, os referenciais doutrinários.

ACRE: HISTÓRIA, FORMAÇÃO E VALES

Sendo uma das 27 unidades federativas do Brasil, o Estado do Acre localiza-se no sudoeste da Região Norte, fazendo divisa com duas unidades federativas: Amazonas ao norte e Rondônia a leste (FURLANETTO, 2002). Sua área total regulamentada é de 164 123,040 km², correspondente a 2% de todo território nacional.

Atualmente, recebe o título de Estado com menor densidade populacional do país, e apresenta, às vistas de Silva (2008), pouco desenvolvimento estrutural tecnológico e de rodovias e tubo-vias, se considerado os prospectos de outros estados. Tem como polo central de todos poderes executivo, legislativo e judiciário a capital Rio Branco, e apenas quatro outros municípios ultrapassam a quantidade de 30 mil habitantes, que são: Cruzeiro do Sul, Feijó, Sena Madureira e Tarauacá (SILVA, 2008).

É um ente federativo em emergência, com IDH baixo em relação ao país, mas com um PIB em evolução desde o ano de 1995, quando grandes indústrias atingiram às cidades. Seu maior bem natural é a árvore seringueira, que dá reprodução ao látex (FURLANETTO, 2002). Abaixo, re-aliza-se sua contextualização histórica.

História: Formação Geográfica e Populacional

A formação desse Estado impetrou-se junto com os povos indígenas e o significativo fluxo de migrantes nordestinos que aportaram no então Território Federal do Acre, atraídos pelo extrativismo da borracha em dois períodos distintos históricos (JACOBS, 2013). Assim, foram estes dois elementos – histórico-humanos – que formaram a construção atual da sociedade acreana, e seus espaços rurais e urbanos (e conseqüentemente sua industrialização e cadeia de valores e suprimento). Analisam-se estes, por necessidade, abaixo.

O primeiro período, mais marcante dentro das fases de desenvolvimento urbano e econômico da Amazônia, foi o nomeado de Ciclo da Borracha, que ocorrera ao final do século XX, devido às mudanças de direitos e a expansão brasileira para o mercado internacional de insumos e produtos. Durante este período, a renda *per capita* da região subiu em 800%, a população regional cresceu em quase 400% e o sertão amazônico, formalmente, integrou-se ao sistema político-econômico nacional e internacional (BRAHAM e COOMES; 1994 apud JACOBS et al., 2013), passando a receber contribuições da União para seu desenvolvimento.



Fora nesta fase que as cidades portuárias de Belém e Manaus testemunharam o *boom econômico* urbano, sem precedentes, que resultou na rivalidade entre estas (e também as cidades do Acre) por desenvolvimento de projetos de grandeza urbano (JACOBS, 2013). Claro que, fundamentalmente, o desenvolvimento nas duas primeiras cidades fora exponencialmente maior do que nas cidades acreanas, que iniciavam seus preceitos dentro do campo agroindustrial (KALUME, 1991).

Tal aspecto histórico (contribuições do governo para desenvolvimento local) agrupado com as oscilações (costumeiramente positivas) da precificação da borracha resultou, diretamente, no processo de êxodo rural no estado (KALUME, 1991, p.78), segunda fase de expansão humana e de atividades do Estado. Deste modo, a população acreana residente nos interiores do Estado, buscando melhorar seu padrão de vida, deslocou-se para a capital acreana (Rio Branco), em busca de moradia digna, trabalho qualificado e melhores condições de vida para suas famílias frente às expectativas do *interior*. Tais características, juntas, remontaram, ao longo dos anos, a estrutura e geografia do Vale do Acre – centralizado a partir da cidade de Rio Branco em AC. Abaixo, considerando seus aspectos históricos, estruturais e econômicos atuais, realiza-se uma macroanálise da região.

Vale do Acre e Vale do Juruá

Geograficamente, o Vale do Acre está localizado a partir do centro até a região sul do Estado do Acre, e possui divisa interestadual com o Estado de Rondônia (RO) e de Amazonas (AM). Fica, na divisão territorial, ao lado da região do Vale do Juruá (Região Norte do Estado) e, ao nível internacional, faz fronteira com Bolívia e Peru. Sua extensão territorial é de, em nível a-proximado, 85.10^6 km². A Figura 1 apresenta sua estrutura comparada.

Figura 1: Vales no Estado do Acre (Brasil)

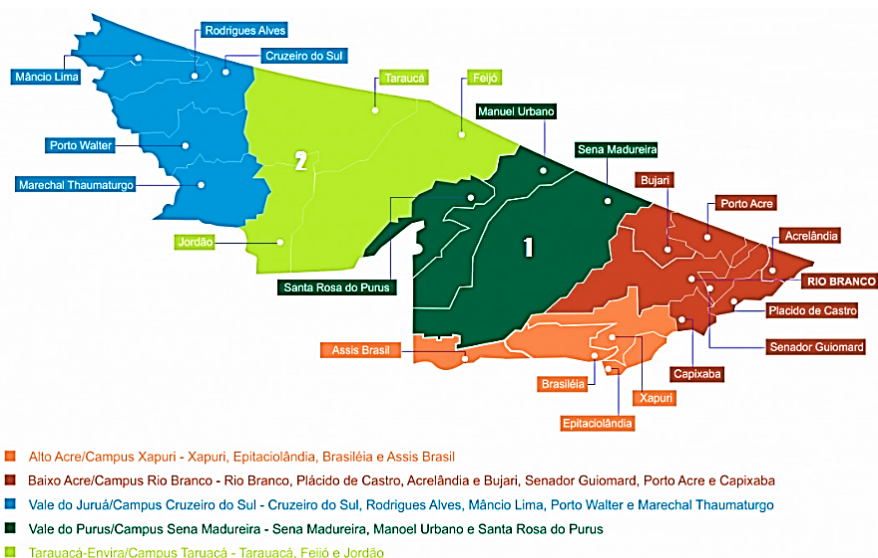


II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA

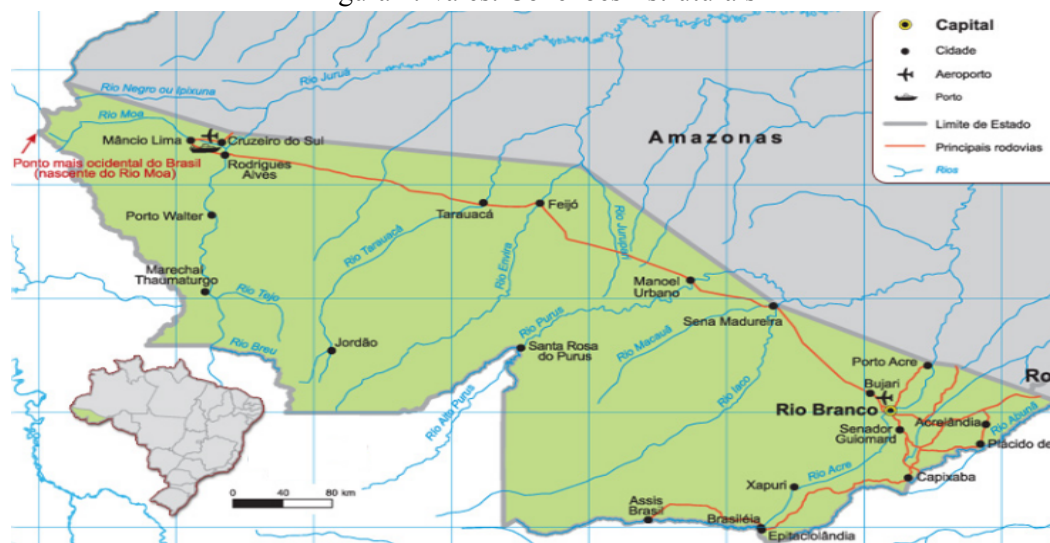
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020



Fonte: PDE (2016)

Na figura, a região 1 (que compreende as cores laranja, vermelho e verde escuro) representam toda a região do Vale do Acre, propriamente dita. E em nível matemático, Rio Branco (o polo central desta região), uma das maiores cidades da Amazônia Ocidental³, encontra-se distante aproximadamente 250 km da fronteira com Bolívia e Peru, e está geograficamente localizada próxima à cordilheira dos Andes e ao Oceano Pacífico, às margens do Rio Acre, que é afluente do Rio Amazonas, em 1.200 km. Hoje, sua estrutura conta com uma rede de abastecimento principalmente territorial, que advém das estradas da União construídas em todo o estado, das quais a BR-364 e BR-317 ligam as duas regiões do Vale, conforme a Figura 2, abaixo.

Figura 2: Vales: Conexões Estruturais



³ Composta pelos Estados: Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima.



Fonte: IBGE (2018)

Esta figura apresenta as disposições geográficas e, principalmente, as barreiras de comerci-alização e a localização das cidades polo (próximas à Rio Branco) e as cidades acessórias, como Marechal Thaumaturgo, a 557 km da capital. Além disto, há pouca disposição portuária e ferro-viária na região do Vale, mostrando a importância dos pequenos e médios comerciantes locais e dos agentes mercantis da região. Na seção seguinte, apresenta-se toda a contextualização de formação dos vales e a importância desta para o estudo prático realizado.

Contextualização do Vale: Formação de Rio Branco e Cidades

Considerando as atuais cidades existentes dentro do Vale do Acre, cabe entender que, pratica-mente, sua totalidade de formação foram ligadas aos processos produtivos provindos da floresta – extrativismo; que vingaram no país a partir do século XX, quando as problemáticas com o ca-fê iniciaram (KALUME, 1991). Neste horizonte, especificamente foi o processo produtivo de extração da borracha, que fora estimulado a partir de grande disseminação de informações no mercado internacional e de sua precificação, que, alinhado à conexão direta com as florestas localizadas às margens dos rios acreanos (repletas de seringueiras), trouxe interessados (físicos e jurídicos) de diversas regiões do país e internacionais para o local do vale.

Do nordeste brasileiro, principalmente do Ceará, foram vários migrantes, pois uma prolongada intempérie de seca obrigou famílias inteiras a aventurar-se na Amazônia Ocidental. Outra parte do contingente de “migrantes” que se deslocou para o Estado foram os chamados “Soldados da Borracha”, nome dados aos brasileiros que, entre 1943 e 1945, foram alistados e transportados para a Amazônia pelo SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia) com o objetivo de extrair borracha para os Estados Unidos da América (Acordos de Washington) na II Guerra Mundial. Uma parcela destes se mudou para Rio Branco (AC) au-mentando a capacidade populacional e a industrialização, já outra se alojou em margens ribei-rinhas, formando populações com maior afinco rural (KALUME, 1991). Já ao nível internaci-nal, notou-se que as populações surgiram das fugas frente à 2º Guerra Mundial.

Foram, portanto, estes dois grupos de indivíduos, em êxodo rural e extradição civil de guerra que, juntos, improvaram o desenvolvimento pra região, alocando-se em diversos campos do Vale do Acre (KALUME, 1991). E nesta perspectiva, justamente às margens do Rio Acre, foi fundado o “Seringal Empreza” por Neutel Maia, local este que mais tarde seria considerado o marco inicial da cidade de Rio Branco (AC), oficializada em 28 de dezembro de 1882 (NEVES, 2008). Por consequência, regiões (cidades ou comunidades) acessórias foram desenvolvidas às suas proximidades, perfazendo, cada vez mais, a linha territorial e as ligações de transporte e cultura entre as comunidades do Vale do Acre.

Através deste contexto histórico, portanto, percebe-se que a localização e processos históricos vivenciados são responsáveis pela formação das cidades na localidade estudada, tendo em vista,



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

principalmente, a extração do látex, que advém de seringueiras e foi o fator motivacional para os processos humano que geraram a região e seu desenvolvimento socioeconômico. Neste com-texto, por definição, NEVES (2008) afirma que seringueiras, naturais da região, ficam em locais conhecidos como seringais, que são:

Onde acontece o corte da seringueira para a extração da borracha. Os seringais eram lugares fechados e dominados pelos seus donos: os seringalistas. Eram eles que contratavam os seringueiros, os trabalhadores que moravam dentro da floresta cortando árvores e defumando a borracha, que era toda entregue ao seringalista em troca de mercadorias (NEVES, 2008, p. 9)

Os seringais são, assim, participantes não somente da formação geográfico-territorial do Vale, mas também das estruturas de mercado e da identidade cultural. Neste campo, de acordo com SILVA (2006), em sua abordagem sobre a formação das cidades acreanas e a compreensão do processo de formação de estado, em particular da cidade de Rio Branco, a identidade cultural é um dos fomentos da cadeia produtiva de valor, tendo em vista que gera-se através da diversidade e das relações mercantis entre as regiões afetadas. Nesta mesma visão, FLORES (2006) afirma que a identidade cultural pode ser usada como base para estratégias de desenvolvimento, e, conseqüentemente, estudar as relações e os componentes que estão na identidade cultural de uma região mostra-se como estratégia valiosa de mercado e reconhecimento

Conseqüentemente, portanto, toda a identidade cultural no contexto acreano se fortalece com a valorização das atividades locais. O que produzir, como produzir, o que fazer, e o como fazer com os aprendizados e costumes que se mantem fortes ao longo do tempo e das gerações que transitam entre um saber e outro. E estes fazeres/saberes são viabilizados nas ligações entre os produtores, cooperativas, entidades assistências, comunidade e poder constituído, sofrendo interferência das forças internacionais, em função da extração do “leite da seringa” (látex), no contexto contemporâneo (KALUME, 1991). Neste ponto, cabe entender quais são, dentro da cadeia produtiva, os sujeitos ativos do processo e como suas qualidades inferem-se dentro do encadeamento e do desenvolvimento local territorial e econômico.

Partindo destes contextos (da importância histórica) e de relevância da identidade cultura, a seção abaixo realiza um estudo de caso com cinco agente mercantis do Vale do Acre (AC), apre-sentando suas características, dificuldades e qualidades, focando, principalmente, em demons-trar a estrutura encontrada pelo Estado para que sua produção, reprodução e transformação de borracha obtenha *link* entre comunidades rurais, comunidades urbanas e consumidores finais.

ESTUDO DE CASO

Tendo em vista os aspectos teóricos de formação das cidades, procurou-se, então, realizar uma análise das características formais e informais do encadeamento de produção e reprodução do



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

insumo *borracha* dentro do Vale do Acre. Para tal, foi realizada uma pesquisa prática, *in loco*, em cinco cidades da Região a fim de reconhecer os in-titutos, as dificuldades e a relação que comunidades rurais e urbanas possuem na cadeia deste insumo. Abaixo, as disposições metodológicas

Aspectos Metodológicos

A pesquisa compreendeu-se pela realização de entrevistas e questionários. As questões avaliam fundamentos qualitativos e quantitativos do encadeamento, além de disponibilizar uma visão intuitiva que os agentes mercantes possuem sobre a borracha na região.

A entrevista ocorreu durante o mês de dezembro de 2019, em quatro regiões do Estado do Acre: Rio Branco (Capital), Tarauacá, Xapuri, e Assis Brasil. Visou-se, de primazia, conhecer quais os produtos direto do insumo, as dificuldades enfrentadas pela cadeia e, principalmente, a importância e influência da identidade cultural (geográfica, econômica e social) sobre a cadeia de abastecimento e venda dos itens.

Foram entrevistados os 5 agentes mercantis no Estado do Acre (Vale do Acre). Salienta-se que as entrevistas decorreram a partir de aplicação de questionário padronizado, no qual buscou-se identificar e classificar os agentes mercantis, buscando-se entender com maiores detalhes a participação de cada agente no encadeamento específico da região, e quais são as dificuldades vividas.

Resultados e Discussão

Notou-se, primariamente, durante a pesquisa prática que, impreterivelmente, o componente seringueira – da família *Euphorbiaceae*, que possui a *Hevea brasiliensis*, é a espécie mais importante do gênero do ponto de vista comercial na região, tendo em vista que fora apontada por todos os agentes mercantis estudados e entrevista. É a partir dela que, às luzes dos questionamentos, surge o papel importante da cadeia de abastecimento (ou encadeamento) e das atividades dos agentes mercantis, tendo em vista que, segundo pesquisa de ABRABOR (2017), o Brasil produz apenas 46% da demanda do mercado interno de borracha, sendo necessário um dispêndio médio anual de importação de mais de 500 milhões de dólares.

Considerando que o Acre teve a base de sua formação política e social proveniente dos seringais, mostrou-se necessária a pesquisa prática englobar e compreender as instituições sociais, políticas e econômicas, juntamente com as pessoas, que se inter-relacionam e produzem diversos tipos de elementos via borracha no Estado. Neste horizonte, os agentes mercantis pesquisados (que tem qualificada representatividade nas regiões do Estado e que realizam as transações com o agricultor familiar [seringueiro]), armazenam, processam e comercializam, dentro da região,





principalmente, três tipos de amostras do insumo (citados à luz da pesquisa), que são, respectivamente:

- (1) **CVP (Cernanbi virgem prensado)**: borracha bruta que vem do campo já coagulada e pode ter diferentes formas, a forma prensada é o CVP;
- (2) **GEB (Granulado Escuro Brasileiro)**: o GEB é a matéria prima para a fabricação dos pneumáticos e automação;
- (3) **FDL (Borracha FDL)**: Folha defumada líquida, empregada na produção de calçados e outros artefatos.

Neste horizonte, a cadeia interna compartilha, basicamente, de três campos industriais: o polo de vestuário, automação e fomento industrial. E neste caso, estes agentes pesquisados acaba por “concorrer” com grandes e renomadas cooperativas e empresas privadas, de capital nacional e internacional, representando este **um dos primeiros desafios encontrados dentro do encadeamento intraespecífico do Estado.**

À contextualização prática, os agentes mercantis ativos do Vale do Acre entrevistados e pesquisados via formulário, estão descritos na Tabela 01, conforme pesquisa ASPF/UFAC realizada em dezembro de 2019 pelo autor deste ensaio, contextualizando, principalmente, suas respectivas cidades de atuação.

Tabela 1: Agentes Mercantis entrevistados da Cadeia Produtiva da Borracha

	AGENTE	MUNICÍPIO	BORRACHA RECEBIDA EM 2019
1	Veja <i>FAIRTRADES</i>	RIO BRANCO	260 TONELADAS
2	CAET	TARAUACÁ	43,5 TONELADAS
3	COOPEXAPURI	XAPURI	89 TONELADAS
4	COOPERACRE	RIO BRANCO	350 TONELADAS
5	AMOPREAB	ASSIS BRASIL	20 TONELADAS
TOTAL			722 TONELADAS

Fonte: Pesquisa ASPF/UFAC 2019/2020

Dos cinco agentes localizados no Vale do Acre (Tabela 01), tem-se que um destes, a Empresa *Fair Trade*, trata-se de uma marca francesa de tênis sustentáveis com polo industrial na região. Os tênis, feitos com borracha natural da Amazônia, alinham design a sustentabilidade, e são, conforme quadro acima - um dos compradores da borracha acreana, que posteriormente é encaminhada para o Rio Grande do Sul, para transformação e confecção final do tênis VERT – tendo esta denominação no Brasil. Essa é a única instituição (agente mercantil), de pessoa jurídica, que subtrai a borracha da região para fins internacionais na pesquisa realizada.

Como consequência, os demais elos da cadeia pesquisados são compostos por três cooperativas de produtores e uma cooperativa central (Cooperacre), locais e específicas, que não possuem relação direta com a mercantilização internacional do componente – fomentando os



entendi-mentos de ABRABOR (2017) que “o Brasil necessita de oferta interna de componentes ligados a borracha”. Também notou-se, à luz da pesquisa base, que juntos os ativos ou agentes mercantis pesquisados recebem e transformam ou transportam, em média, 720 toneladas por ano, representando cerca de 76% de toda a composição que o Estado realizou para o período; assim sendo, a pesquisa aprofunda-se no campo da realidade, através de seus resultados.

À análise do questionário e as visões estruturais de cada um dos componentes, pode-se compreender que a **Cadeia Produtiva da Borracha, no Vale do Acre, é composta por cinco elos produtivos: (1) seringueiro; (2) associações/cooperativas e COOPERACRE; (3) usinas/fábrica, (4) comerciantes e (5) consumidores finais**. Estes representam, então, como o componente retirado da seringueira viaja entre o Estado (e até mesmo fora dele) e quais são os agentes que contribuem para sua alteração, transformação, produção e, principalmente transporte e desenvolvimento. A cadeia, deste modo, mostra-se numa visão vertical de alinhamento, isto é, não existe “relação” entre consumidor final e seringueiro, respeitando-se a cadeia produtiva como fator econômico. A Tabela 2 elenca elos produtivos, conforme a pesquisa qualitativa.

Tabela 2: Cadeia produtiva da borracha - Sujeitos

1º ELO	Retirada do látex da seringueira. Seringueiro percorre longas distâncias dentro floresta para realizar o processo de extração e coleta do látex. As seringueiras encontram-se distribuídas de forma aleatória na floresta, dificultando a extração.
2º ELO	Composta pelas associações/cooperativas que recebem a produção dos seringueiros e repassam à COOPERACRE.
3º ELO	Representado pela a COOPERACRE. Cabe a ela à comercialização de toda a produção extrativista no Estado do Acre.
4º ELO	Composto pela usina e fábrica de beneficiamento de borracha. Estas são responsáveis pelo processamento e beneficiamento da borracha.
5º ELO	Representa os comerciantes e consumidores que têm como principais compradores a indústria para produção de pneus e o Ministério da Saúde com a compra dos preservativos, destinados aos programas sociais de saúde.

Fonte: SARAIVA SILVA (2013).

Existe, portanto, à luz desta pesquisa, um enquadramento de formação, reprodução e transporte do componente, onde o “campo” ou o ambiente rural, embora produtor, não se alinha e/ou relaciona-se, diretamente, com o consumidor final nas cidades e ou industrias polo dentro do Vale, e fora dele – no caso específico da *Veja Fair Trade*. Assim, a tal observação e às anotações quantitativas, a relação entre o espaço urbano e rural é impactada de forma significativa nesta relação: tanto no recebimento de verbas quanto no padrão de identidade cultural, afinal, ambientes dispersos tendem à, segundo KALUME (1991), com o tempo, apresentarem variância em suas percepções ambientais e sociais.

As relações entre o espaço urbano e rural, além dos aspectos geográficos e de identidade acima apresentados, manifestam-se em termos econômicos e estruturais, havendo uma medida de



relacionamento entre eles; e assim, é necessário compreender as relações específicas em todas estas áreas dos agentes mercantis pesquisados. Neste horizonte, a distância é um dos principais fatores de motivação (tanto por aumentar a diversidade da identidade cultural) quanto por possibilitar ou diminuir as capacidades industriais e tecnológicas das regiões. Assim sendo, a Tabela 3 apresenta a quantidade populacional dos locais onde os agentes pesquisados se encontram e a distância desta da principal região do Vale do Acre, à cidade do Rio Branco.

Quadro Tabela 3: Municípios do Vale do Acre (AC) com Agentes Mercantis

	Município	População*	Distância de Rio Branco / km
1	Rio Branco	407.319	0
2	Tarauacá	42.567	409
3	Xapuri	19.323	175
4	Assis Brasil	7.417	345
Total Populacional		476.929	

Fonte: IBGE (2019)

Considerando-se que a população estimada para o Estado do Acre (IBGE, 2019, p.1) consta de 881.935 habitantes, o vale do Acre tem aproximadamente 55% do total de habitantes do Estado, perfazendo um total de 22 municípios no Estado – e tal perspectiva pode-se notar em sua produção de borracha que, como mencionada acima, representa 76% de todo o resultado do Estado. Assim, é uma região de significado alcance político-econômico.

Geograficamente, a cidade de Assis Brasil faz divisa com o Peru, sendo assim a cidade mais próxima da fronteira na estrada do Pacífico. Xapuri localiza-se a aproximadamente 50 km da cidade de Cobija na Bolívia. As cidades acreanas de Brasiléia e Etipaciolândia são limítrofes com a boliviana Cobija – no Departamento Boliviano de Pando. Já Tarauacá é a cidade de maior distância da capital, cerca de 410 km (Dados da Figura 2). Desta forma, é perceptível que, mesmo estando dentro do Vale do Acre, as cidades acessórias de Rio Branco, na produção e no transporte e transformação da borracha, sofrem suas próprias constituições de identidade e também possuem demasiadas dificuldades logísticas – percepções da pesquisa quantitativa. Assim, estas cidades, além da borracha, buscam alternativas que tenham por objetivo gerar trabalho e renda que garantam sua sustentabilidade, focadas na agricultura familiar como na produção de alimentos em pequenos empreendimentos familiares rurais, tendo em vista que, embora participem diretamente da Cadeia de Borracha, não sofrem o afeto econômico direto que os grandes polos com Rio Branco (AC) sofrem.

Deste modo, conceitualmente e a partir das visões do estudo, é possível discernir que, embora haja uma cadeia apropriada de produção de borracha, as percepções econômicas, financeiras, estruturas e sociais são percebidas distintamente entre ambientes rurais (mais afastados) e os ambientes urbanos (próximos a cidade polo). Por consequência, a identidade cultural também é afetada e a estrutura socioeconômica destes locais também. Neste aspecto, CORREA (2018, p. 139) conclui que “é possível afirmar que a pequena cidade do final do século XX e início do século XXI constitui-se em um nó minúsculo de uma vasta e complexa rede urbana, na qual o papel que desempenhava nas relações urbano-rural foi alterado”; ou seja, apresenta-se como um



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

modelo acessório dos grandes conglomerados, tendo suas percepções ideológicas e culturais dispersas destas. Todavia, há o que se entender, através da relação prática, que, embora seja comum o equívoco de pensar as duas regiões são dispersas, é notável a existência de uma relação de complementariedade e dependência de espaço, serviços e produtos entre estas. Tal fundamentação fomenta-se como segundo resultado em respaldo da pesquisa prática – via qualificação dos agentes.

Neste mesmo horizonte, CORREA (2011) fomenta que as pequenas cidades situam-se na confluência do urbano e rural, e ainda, centralidade e tamanho demográfico estão intimamente relacionados; e assim, as pequenas cidades, centros locais que temos em mente, dificilmente ultrapassam 20-30.000 habitantes. Ou seja, indiferente da cadeia de produção e, principalmente, dos resultados que advêm com esta, a questão territorial influenciará na estrutura das cidades.

Outro fator relevante durante a pesquisa prática, apontado pelos questionamentos e entrevistas, é a dependência ditatória das cidades acessórias frente a capital Rio Branco (AC). Assim sendo, nota-se que há uma situação urbano-rural, onde, impreterivelmente, a cidade polo depende dos pequenos e médios produtores – e principalmente dos agentes intermediários – para seu desenvolvimento sustentável; ou seja, **há uma relação mutualista de dever:** ao mesmo passo que a cidade de Rio Branco (AC) e seus processos industriais avançam, há necessidade de contrapartida na cadeia; todavia, na prática, tal questão não é observada (frente a pouca tecnologia e disposição de transporte nas pesquisas cidades). Dentro desta perspectiva, em seus estudos, SILVA (2005) afirma que:

Embora as cidades hoje sejam destaques no espaço acreano, o princípio de sua formação esteve ligado aos processos produtivos provindos da floresta. Assim, da semente de povoamento plantada nas sedes de seringais nasceram cidades que tiveram sua base territorial enraizada nas condições produtivas que se implantou na floresta (SILVA, 2005, p. 173).

Nota-se, assim, que embora o resultado econômico da cadeia de produção seja diferentemente percebido durante o encadeamento das cidades pesquisas, as cidades resultaram de um mesmo objeto histórico e, por consequência, devem compartilhar de ideologias e identidades próximas. Todavia, esta é a luz da teoria, não observada na prática uma relação mútua perfeita, mas sim imperfeita (onde há dano a um componente – e este caso podem ser os agentes ou os seringueiros) que não recebem os incentivos político-econômicos necessários.

Desta forma, existe uma necessidade premente de renovação conceitual nesta relação campo – cidade. Esta necessidade busca a revisão dos conceitos, estruturais e focos de cidade e campo, rural e urbano, visando novas práticas socioespaciais, de novas formas de *habitat* e de interação social entre o rural e o urbano; afinal, à luz prática, nota-se uma urbanização concentrada e o pouco enfoque em determinadas regiões (de maior distância). Afinal, a cidade de Rio Branco, Capital do Estado do Acre, que exerce sua centralidade em relação às demais cidades que participam deste trabalho, possui os olhos do estado (em infraestrutura e verbas) alinhados ao mesmo passo que os demais agentes (encontrados nas outras cidades) não recebem as mesmas



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

pre-visões. Há, por consequência, divergência estrutural e de identidade, embora o contexto histórico de ambas seja o mesmo.

Neste horizonte, como estrutura fundamental, trazem-se as estradas. Afinal, a maioria dos municípios da Mesorregião Vale do Acre: Rio Branco, Porto Acre, Senador Guiomard, Acrelândia, Xapuri, Capixaba, Assis Brasil, Brasília, Plácido de Castro e Sena Madureira, em função da construção da BR-364 e BR-317, tiveram centralidade exercida pelas cidades de Belém e Manaus, a qual perdurou até meados do século XX e foi extinta somente na década de 1960. Esses municípios passaram então a estar mais ligados ao Centro-Sul por estas vias de circulação. E, por consequência, possuem mais desenvolvimento do que municípios como Tarauacá (AC).

Então, pode-se entender que à medida que as estradas vão chegando estas exercem papel centralizador do processo de produção também do espaço (CARLOS, 1979, p.35 apud SILVA, 2005, p. 181). Ou seja, a produção de transporte é um dos fundamentos-base que atingem a cadeia produtiva e, por consequência, a identidade cultural das cidades ligadas à região do Vale. “Com mais possibilidade de transporte, maior o grupo de informação e desenvolvimento é, por consequência, transportado” (SILVA, 2008, p.34).

Claro que muitos são os apontamentos que podem melhorar as problemáticas da cadeia produtiva de Borracha do Acre, mas, fundamentalmente, como um objeto prático de resultado, o distânciamento territorial, assim, é um dos preceitos de análise. Junta-se esta a necessidade de mais recursos, à valorização dos agentes rurais e ao avanço tecnológico em cidades afastadas. Estes assim formam componentes essenciais para a formação de identidade cultural e valorização das pequenas cidades (produtoras e transportadoras) de borracha dentro do Vale do Acre.

Por fim, cabe salientar que a busca do desenvolvimento rural efetivo, torna-se premente pensar em alternativas produtivas factíveis e viáveis que evitem o êxodo dos pequenos agricultores do espaço rural, fazendo-se necessário desenvolver e viabilizar a agricultura familiar na região. E neste horizonte, o espaço rural dos seringais através do pagamento do PSA (Pagamento de Serviços Ambientais) (taxas) tem possibilitado um avanço neste sentido, pois tornou o preço final do kg da borracha mais atrativo ao seringueiro, causando maior interesse de “agricultores novatos” interessados em extrair látex e, por consequência, atraindo maior industrialização para às regiões de extração. O PSA, assim, estimula a cadeia de borrachas, melhora os resultados da cadeia e produz desenvolvimento social, técnico e identidade cultural em ambos os polos do encadeamento: área urbana e rural.

CONCLUSÃO

Às luzes da pesquisa prática e dos fundamentos teóricos observados, foi possível perceber a existência de uma cadeia vertical de produção, transformação, transporte e comercialização de borracha no Vale do Acre. E a tal perspectiva, realizam-se considerações abaixo.





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

(1) A produção do látex e seus derivados no Vale do Acre é representado pelo látex coagulado – Cernambi Virgem prensado (CVP), a Folha de Defumação Líquida (FDL) e látex líquido, utilizado para a produção de preservativos na região, sendo estes os principais derivados do componente na cadeia produtiva da borracha no Vale do Acre.

(2) O encadeamento rural-urbano entre Rio Branco e as demais cidades da cadeia produtiva da borracha, apresentados neste artigo, transcorrem de forma plena em função do ciclo da cadeia produtiva descrito, pois Tarauacá, Xapuri e Assis Brasil interagem não somente com a capital Rio Branco via entrega de centralizados pela Cooperacre, mas também trocam entre si relações comerciais, administrativas e fontes de financiamentos e projetos. A cadeia é vertical, mas as relações comerciais são transversais e paralelas, embora a disposição Estadual e da União de verbas tenha enfoque da capital do Estado.

(3) Rio Branco, Tarauacá, Xapuri e Assis Brasil são municípios do interior acreano que possu-em na agricultura familiar seu esteio de geração de emprego e renda. Além da cultura da borra-cha, outras culturas também auxiliam em seus resultados, embora sejam demasiados reconhecidos por suas produções nesta área. Estas cidades se relacionam e dependem mutuamente uma das outras, embora as diferenças territoriais sejam prolongadas e haja bastante intempérie estrutural e de idealismo.

(4) as visões de CORREA (2018) que afirma que “as relações entre cidade e região podem ser resumidas em dois grandes tópicos: a cidade e as atividades de produção da região; e a cidade e a vida de relações regionais, e em ambos os casos, essas relações devem se traduzir em fluxos de dupla direção” se concretizam na Cadeia de Produção do Vale do Acre. E esta dupla direção é operacionalizada através da construção do espaço urbano pela população do Acre, porém, de forma que o espaço rural também obtenha melhores condições de se sustentar na labuta da extração, não somente da borracha. Nota-se à luz da pesquisa prática que existe tal fundamentação teórica, embora a prática apresenta divergências de investimento.

(5) No caso acreano, a relação das urbes na cadeia produtiva da floresta deve levar em conta a conservação da floresta com base na identidade cultural e com base na exploração econômica racional – Florestania; ou seja, extrair o látex de forma igual racional, preservando o seringal (BECKER, 2009).

(6) A construção de uma relação rural-urbano desenvolvida na ótica dos espaços rurais deve consolidar relações de proximidade mutuamente benéficas e de natureza sinérgica em detrimento de relações predadoras do mundo rural, além disto, deve também observar a máxima aproximação entre campo e cidade, sem perder suas identidades ou trazer crédito de prejuízo para alguma destas.

Deste modo, ao objetivo central deste artigo que era de reconhecer o encadeamento de borra-cha, suas problemáticas e produções dentro do Vale do Acre, cabe compreender que há a existência de um eixo estruturado de produção que, infelizmente, devido às diferenças territoriais e de



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

distância, sofre com problemas logísticos de infraestrutura – principalmente pela ausência de verbas direcionadas ao transporte e ao campo. Fazem-se necessárias mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados (Acre)**, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ac>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

LEITE, Luciano Cesar Cabral. **PROCESSOS DE COLABORAÇÃO NA LOGÍSTICA DE TRANSPORTE NO ESTADO DO ACRE**, 2015. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44273/R%20-%20E%20-%20LUCIANO%20ESAR%20CABRAL%20LEITE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

SILVA, Silvio Simione da. **Acre: Uma Visão Temática de sua Geografia**. Rio Branco: Edufac, 2008

KALUME, Jorge. **Crônicas do Acre Antigo**. Brasília: s/e. 1991.

BELIK, W. **Reestruturação Industrial e Estratégias dos Grupos AgroAlimentares no Brasil**. Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 1995.

FURLANETTO, E.L. **Formação das Estruturas de Coordenação nas Cadeias de Suprimentos: Estudos de Caso em Cinco Empresas Gaúchas**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Administração, PPGA/UFRGS, 291 p., 2002.

ABRABOR - **Estatísticas e Tendências da Borracha Natural**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/borracha-a-natural/2017/38a-ro/app-abrabor-38ro-borracha.pdf>. Acesso em 01/07/2020.

BECKER, Bertha K. **Amazônia – Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **Reflexões sobre o espaço geográfico**. Dissertação de mestrado submetida à USP. 1979.

CORREA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

FLORES, Murilo. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte**. Santiago, Chile: RIMISP, 2006. Disponível em: <http://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Developmento.pdf> Acesso em 28 ago. 2020.

MORAIS, M.J. **Rio Branco, (AC) – Uma cidade de fronteira: o processo de urbanização e o mercado de trabalho a partir dos planos governamentais dos militares aos dias atuais**. Florianópolis, 2000. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

NEVES, M.V. **Rio Branco, de seringal a capital**. São Paulo: Cortez, 2008.

SARAIVA DA SILVA, M. S. **Subsídio da borracha e sua relação com os moradores da resex Chico Mendes: uma análise das contribuições socioeconômicas e ambientais**. Trabalho de conclusão de curso. Manaus, Amazonas Abril, 2013.

SILVA, Silvio S da (org.). **Acre: Uma visão temática de sua geografia**. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

SOUZA, Marcelo L. **O que faz uma cidade uma cidade**: In. Souza, M. L. O ABC do Desenvolvimento Urbano. 2008. Cap. 01. P. 23-40. Disponível no EAD.





II SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

SOUZA, Marcelo L. **ABC do desenvolvimento urbano**. 10ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

JACOBS, Wouter. **Transporte, fluxo de mercadoria e desenvolvimento econômico urbano na Amazônia: o caso de Belém e Manaus**. Cad. Metrop. São Paulo, v. 15, n. 30, p. 389-410, dez. 2013. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962013000200389&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 ago. 2020



OBSERVADR

